

JB - 19/02/1978
EAV - oficinas e cursos

LUX
JORNAL

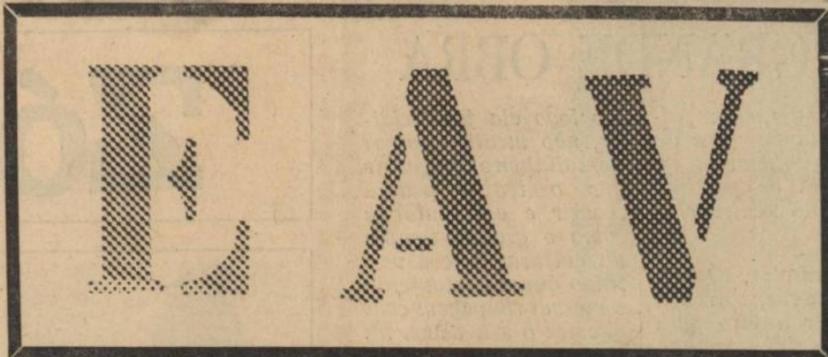
JORNAL DO BRASIL
Rio de Janeiro

19
Fevereiro
1978

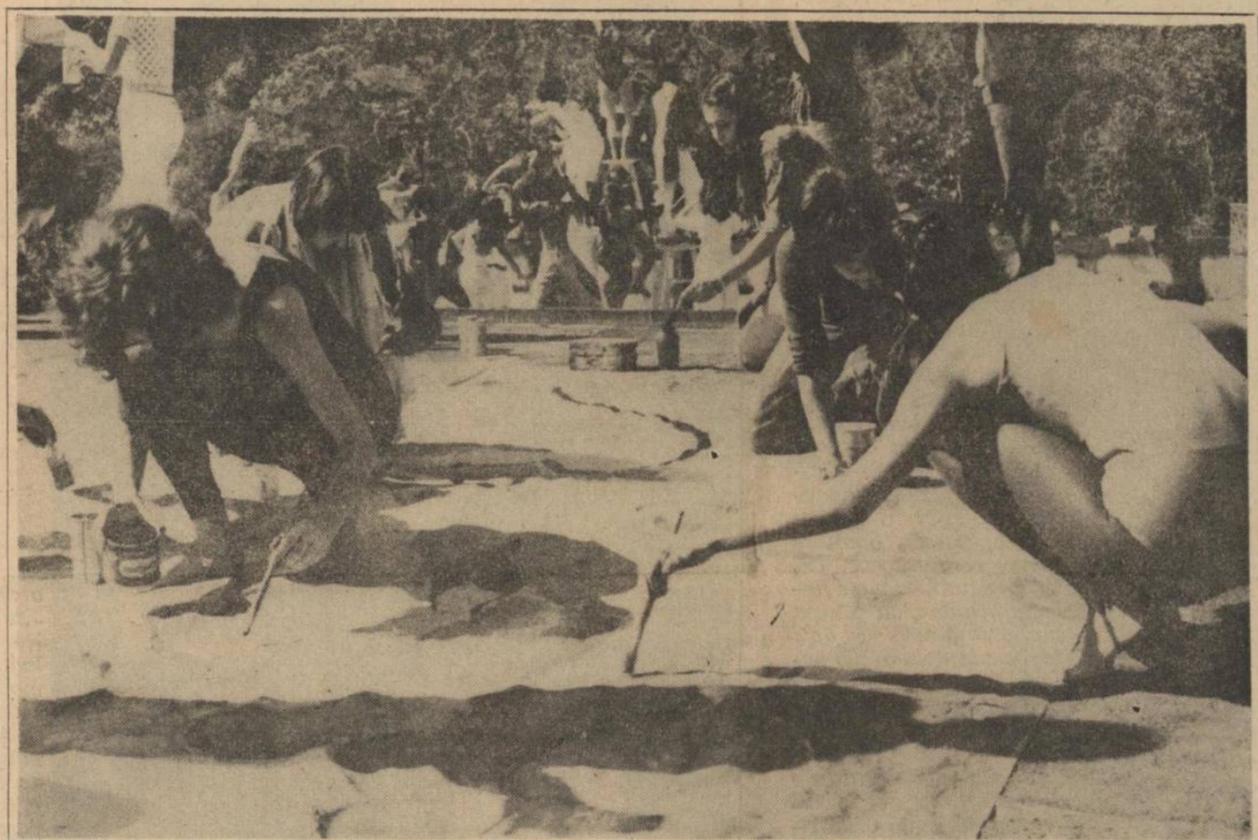
VASP - a empresa aérea que melhor conhece o Brasil.



Gerchman: sem currículo oficial



Um atelier de experiências abertas



NO PARQUE LAJE UMA OFICINA/ESCOLA DE ARTE CONTEMPORÂNEA

VARIOS fatores fazem da Escola de Artes Visuais um centro diferente de outros estabelecimentos de ensino. A localização, por exemplo, em pleno Parque Lage já favorece um estado de espírito compatível com a criação artística. Além disso, a maioria dos professores é também de artistas.

Rubens Gerchman, diretor da EAV há três anos, e também artista plástico, diz que herdou a Escola com uma estrutura arcaica e esclerosada, e que na sua gestão — que termina o ano que vem — foram produzidas modificações importantes:

— O que encontramos foi um prédio abandonado, e com nossa equipe instalamos oficinas de trabalho, onde o aluno pratica realmente aquilo que veio estudar e aprender. A EAV, assim como a Martins Pena e a Vila-Lobos são escolas livres, independente do sistema MEC, que talvez pudessem ser chamadas de escolas experimentais. Aqui não tem vestibular, e desde que a pessoa tenha ginásio, e seja selecionada pode fazer o curso. Também não tem diploma no final do ano. Mas isso não quer dizer que seja curso descompromissado, mas sim que a orientação dada é desvinculada de um currículo oficial.

Na Escola de Artes Visuais funcionam 65 oficinas de arte/trabalho, com capacidade para 1 mil 100 alunos distribuídos em três turnos: manhã, tarde e noite. Cada curso dura, em princípio, um ano, mas nada impede que o mesmo aluno repita o curso escolhido, ou outro, no ano seguinte. Os cursos são divididos em nove áreas: de Apoio, de Desenho Arquitetônico, Cênica, de Cinema, 2D, 3D, Gráfica, de Lazer e Teórica.

Cada uma dessas áreas subdivide-se em vários cursos, que correspondem a uma oficina de trabalho, com exceção dos setores teóricos.

— A grande modificação introduzida para 1978 — explica o diretor — é que a escola funcionará em tempos de grupos afins, ou seja, um aluno pode frequentar várias oficinas da mesma área se quiser ter uma visão e uma prática mais globais. Assim, por exemplo, na área cênica ele poderá participar das oficinas referentes a Caracterização, Cenografia, Pluridimensional e Vestuário.

Esse esquema, segundo Gerchman, é consequência de toda uma filosofia de trabalho. A Escola de Artes Visuais é, na verdade, um grande atelier de experiências abertas, na qual o professor abrevia o entrosamento do aluno, isso porque como a maioria dos professores são artistas, não têm o vício dos professores tradicionais. E embora não sejam cursos considerados profissionalizantes pelo MEC sem dúvida muitos poderão sair da Escola capazes de exercer uma profissão.

Para as áreas de Apoio, Desenho Arquitetônico, Cênica, Cinema, Duas Dimensões, Três Dimensões e Gráfica são exigidos pré-requisitos de acordo com a oficina a ser cursada. E neste ano, o ingresso na Escola será feito de forma diferente.

— Em março será realizado um seminário no qual todos os interessados, mediante o pagamento de uma pré-matricula de Cr\$ 100,00 trarão conhecimento com todas as opções oferecidas tenha mais condições de escolher o curso apropriado. Muitas vezes vem alguém aqui com uma idéia fixa de fazer uma determinada oficina, e quando chega, percebe que se enganou. As margens de

erro serão limitadas com um conhecimento global da Escola.

Este seminário é obrigatório, e também para as áreas de Lazer e Teórica, para as quais não há seleção ou exigência de pré-requisito. As matrículas desses cursos custam Cr\$ 600 (Lazer) e Cr\$ 200 (Teórica). Para as outras áreas, depois do Seminário serão realizadas entrevistas com o professor ou professores das oficinas escolhidas, e se selecionado, o aluno se matricula pagando Cr\$ 600 para o primeiro semestre do ano.

— O objetivo da Escola — ressalta Gerchman — é propiciar vivência com artistas, e também equipar o aluno com uma visão do que seja arte contemporânea.

Os alunos da EAV vêm das mais diversas procedências: Escola de Desenho Industrial, Faculdade de Arquitetura, Belas Artes, ou pessoas das ocupações e interesses mais variados, onde se encontra desde hippies — se é que ainda existem — a sexagenários.

Um passeio pela Escola dá uma mostra das oficinas que deverão ser mais enriquecidas a partir de março com a verba de Cr\$ 1 milhão 250 mil prometida pela Funarte destinada a compra de equipamentos. Na oficina de litografia, por exemplo, a professora Susan L'Engle explica que as pedras utilizadas são de origem alemã e foram importadas no começo do século. Nas prateleiras, as pedras, no centro da oficina, a prensa manual. O objetivo de seu curso é simples: ensinar as técnicas de litografia e estimular a criatividade nesta área.

Já Gianguido Bonfanti, professor de fotografura na área gráfica afirma que provavelmente a EAV é a primeira escola a ensinar essa técnica, ou seja a fotografia adaptada à chapa de metal, num processo semelhante a clichéria, ampliando assim as possibilidades da gravura em metal.

A coordenadora da área de Lazer, Helenita Santos Cruz explica que este curso não se destina especialmente a pessoas de talento, mas principalmente aquelas

que dispõem de horas ciosas e que desejam descobrir alguma coisa para si mesmas. O curso é variado, ligado à arte e tem como objetivo despertar novos interesses e novas experiências.

Joaquim Tenreiro, designer de móveis, dará aulas de como projetar e idealizar um móvel, sempre ligado à parte prática.

— E' elementar o designer entender como funciona o encaixe, a resistência da madeira, e para isso muitas vezes se faz o desenho do móvel em tamanho natural. O móvel brasileiro vai mal, e acho que isso se deve à falta de uma vivência do projetista na oficina em que o móvel será executado.

Astréa El-Jaick, professora de Modelo Vivo na área de Apoio esclarece que este setor serve, como o próprio nome indica, de apoio às oficinas práticas e teóricas, valendo tanto como o curso em si como maior embasamento para outra oficina. Por exemplo, a aula de modelo vivo pode tanto significar um curso isolado como um estágio para a oficina de Desenho do prof. Roberto Magalhães.

A área teórica, este ano, será inaugurada com um seminário sobre Mário de Andrade, que Rubens Gerchman considera muito ligado à filosofia da escola por ser uma das raízes da cultura brasileira. Paralelamente, será montada uma exposição de fotografias do próprio Mário de Andrade, intitulada, por ele mesmo O Turista Aprendiz.

— O que sentimos pelo contato com alunos — diz Gerchman, é que mesmo os estudantes de outras escolas e faculdades sentem falta de uma vivência mais direta com o artista e também de uma prática maior. Agora, se a EAV não dá diploma, ou seja, se o local de ensino real não dá diploma, a deficiência é do sistema e não nossa.

Exposições, espetáculos de teatro e dança, biblioteca, e cineclube complementam as atividades da EAV. Periodicamente realizam-se encontros, e já em março realiza-se de 13 a 18, o Primeiro Encontro do Desenhista Independente, com alunos da própria EAV.

OS CURSOS E OS PROFESSORES

Área de Apoio

- Desenho de Observação — Sandro Donato, Chláu-Deveza e Sonia Mallo.
- Modelo Vivo — Isabella Sá Pereira e Astréa El-Jaick
- Oficina da Cor — Rosa Magalhães
- Oficina da Forma — Lícia Lacerda
- Desenho Geométrico — Cantuária
- Perspectiva — Darcy Bove de Azevedo

Área de Desenho Arquitetônico

- Professores Darcy Bove, Luiz Augusto de Leão Castello, Ilse Irmgard e Aydlí Cumpido.

Área Cênica

- Caracterização — Alexandre Trik
- Cenografia — Marcos Flaksmann
- Pluridimensional — Hélio Eichbauer
- Vestuário — Rosa Magalhães

Área de Cinema

- Oficinema — Sérgio Santeizo
- Fotografia de Cinema — Fernando Duarte

Área 2D (Duas Dimensões)

- Desenho — Roberto Magalhães
- História em Quadrinhos — Mollica

Área 3D (Três Dimensões)

- Artes do Fogo — Celeida Tostes
- Cerâmica — José Arthur Salleirí Lemos
- 3 Dimensões — Gastão Manoel Henrique e Avatar Moraes
- Materiais Sintéticos — Cláudio Kuperman
- Matrizes/Moldagens — Jaime Sampaio

- Moldagens — João dos Santos
- O Móvel — Joaquim Tenreiro

Área Gráfica

- Fotografura — Gianguido Bonfanti
- Fotomecânica — Celso Guimarães
- Gravura em Metal — Isabel Pons, Ivonine Cavalcanti e Sílvia Cristina
- Linguagem Fotográfica — Roberto Maia
- Litografia — Antônio Grosso e Susan L'Engle
- Projeto Gráfico — Tulio Mariane
- Serigrafia/Processo Fotográfico — Maria Carmem Albernaz
- Serigrafia/Recortes — Dionisio Del Santo
- Xilogravura — Ester Neugroschel
- Cotidiano/Expressão — Rubens Gerchman

Área de Lazer

- Pintura — Amarílis Chaves, Orlando Brito, Luiz Nelson Ganem, Gioconda Cavaliere, Helenita e Augusto Seabra.
- Pintura de Paisagem — Augusto Aires e Denise Azevedo
- Desenho — Ernesto Lacerda, Miguel Pastor, Stella de Mello, Bastos e Enio Damázio.
- Xilogravura — Helena Santos Cruz
- História da Arte — Sônia Farriá

Área Teórica

- Arte: Teoria e Práxis — Miriam Terezinha
- Arte Contemporânea — Sérgio Lima
- Cultura Afro-Brasileira — Léilia Gonzalez
- Espaço Poético — Uma Proposta Ambiental — Lygia Pape
- História da Arte — João Vicente Salgueiro
- Fotografia, Cinema: no Mundo Artístico: Alair Gomes
- Teoria da Arte — Maria de Lourdes Mader
- Teoria de Percepção — Antônio Gomes Penna
- Introdução ao Estudo dos Rituais — Roberto da Matta
- Abordagem Crítica das Artes Plásticas — Elmer Barbosa